

## **Amazônia, Amazonas e Parintins: Uma Breve Descrição do Cenário onde Ocorre o Festival Folclórico de Parintins<sup>1</sup>**

MARIA DO SOCORRO BARBOSA DA SILVA MAMED

Doutora em Ciências da Educação pela  
Universidad Evangelica Del Paraguay (UEP)

### **Abstract**

*The general objective of this article was to give a brief description of the Amazon, the State of Amazonas and the municipality of Parintins, a sanctuary where the “Parintins Folk Festival” takes place in Brazil. About the methodology, among the themes of the theoretical framework necessary to understand the theme object of this study, the following stand out: geographical space, cultural environment and historical and economic aspects of the Amazon region, evidenced through a bibliographic research that guided the analyzes and reflections of these elements. As a conclusion, it is noteworthy that, even if it is brief, trying to describe the Amazon, Amazonas and Parintins, the sanctuary where the Festival takes place is not an easy task, because, in this scenario, there is a popular manifestation full of symbolism, which adds in its constitution, aspects related to the religiosity of a people, its historicity, its values, among other factors, such as the Festival, demand a concrete description of reality in order to avoid abstractions and/or the predominance of empiricism. Therefore, describing this scenario, where popular Amazonian culture predominates in the context of a postmodern and globalizing paradigm, was the great challenge of this article, after all, the Festival is the result of popular Amazonian culture, turned into a sumptuous spectacle, event mandatory on Brazilian tourist agendas.*

---

<sup>1</sup> Amazon, Amazonas State and Parintins City: A brief description of the scenario where the Parintins Folkloric Festival occurs

**Keywords:** Amazon; Amazonas; Scenario; Folkloric Festival; Parintins.

### **Resumo**

*O objetivo geral desse artigo foi fazer uma breve descrição da Amazônia, do Estado do Amazonas e do município de Parintins, santuário onde ocorre o “Festival Folclórico de Parintins” no Brasil. Quanto à metodologia, dentre os temas do marco teórico necessários para a compreensão do tema objeto deste estudo, destacam-se os seguintes: espaço geográfico, meio ambiente cultural e aspectos históricos e econômicos da região amazônica, evidenciados através de uma pesquisa bibliográfica que norteou as análises e reflexões desses elementos. Como conclusão, destaca-se que, mesmo que seja breve, tentar descrever a Amazônia, o Amazonas e Parintins, santuário onde ocorre o Festival não é uma tarefa fácil, pois, nesse cenário, ocorre uma manifestação popular eivada de simbologia, que agrega em sua constituição aspectos relativos à religiosidade de um povo, sua historicidade, seus valores dentre outros fatores como é o caso do Festival, demanda uma descrição concreta da realidade para que sejam evitadas abstrações e/ou a predominância do empirismo. Portanto, descrever esse cenário, onde predomina a cultura popular amazônica no contexto de paradigma pós-moderno e globalizante, foi o grande desafio deste artigo, afinal, o Festival, é fruto da cultura popular amazônica, transformou-se em um espetáculo suntuoso, evento obrigatório nas agendas turísticas brasileiras.*

**Palavras-Chave:** Amazônia; Amazonas; Cenário; Festival Folclórico; Parintins.

### **INTRODUÇÃO**

A Amazônia, o Estado do Amazonas e o Município de Parintins constituem-se no objeto de estudo desse artigo, cuja delimitação apresenta uma breve descrição do cenário onde ocorre o “Festival Folclórico de Parintins”, Brasil, também conhecido como a “Festa do Boi-Bumbá”, enquanto manifestação cultural e sob uma perspectiva geográfica e socioambiental.

Apresentar a Amazônia, o Estado do Amazonas e o Município de Parintins com suas características e potencialidades não é uma

tarefa fácil e demanda, sobretudo, o conhecimento dos vários aspectos da complexidade e do equilíbrio existente entre os sistemas sociais, econômicos e ambientais da região amazônica e de Parintins.

Discorrer sobre a região amazônica como um todo, sem perder de vista suas principais especificidades e partes constitutivas é um desafio, que este artigo se propõe a tentar fazer, afinal, nenhuma apresentação acerca da região pode ser “ingênua”, ou seja, sem discorrer sobre as relações sociais, econômicas e ambientais, mas, neste artigo, a abordagem desse cenário suntuoso não é pretenciosa, sendo bem breve, contemplando apenas alguns dos aspectos mais relevantes da região amazônica.

Estabelecendo-se uma visão metafórica, a pesquisa também foi desenvolvida através de vias tortuosas, incertas e complexas da cultura, como a entende Morin (2007, p. 207), a partir de um conjunto de saberes, para “saber fazer, regras, estratégias, hábitos, costumes, normas, interdições, crenças, ritos, valores, mitos, ideias, tudo aquilo que se perpetua de geração em geração”, se reproduzindo em cada indivíduo e alimentando, para geração e regeneração, a complexidade individual e social, pois a cultura engloba “culturas”.

Nesse sentido, para apresentar a Amazônia, o Amazonas e Parintins, fez-se necessário munir-se de uma base teórica transdisciplinar, onde se procurou mesclar de forma engenhosa e lógica as seguintes áreas: Geografia, História, Economia, Ecologia, Pedagogia, Etnografia, Antropologia, Direito, conhecimento indígena tradicional e cultura popular amazônica, com destaque para o imaginário amazônico, a partir dos espaços geográficos, e que resultam no festival folclórico, e que contempla ainda as tradições, os valores, as crenças, a religiosidade e a sociologia política, para citar apenas os reflexos mais constantes.

Parte dos resultados apresentados no presente artigo decorre de anos de estudos, desde a dissertação de mestrado realizada no ano de 2010, até a tese de Doutorado concluída no ano de 2015, intitulada “Educação Ambiental e Diversidade Cultural Amazônica: A Festa dos Bois-Bumbás do Festival Folclórico de Parintins como Ferramenta de Aprendizagem na Rede Pública Municipal de Ensino de Parintins - Amazonas - Brasil”.

A abordagem nesse artigo foi elaborada em tópicos, nos quais foram apresentados temas como espaço geográfico, história e economia da região amazônica, bem como os aspectos relacionados ao meio ambiente cultural. A opção por esta formulação didática foi *a priori*

propiciar um entendimento amplo desses termos, com vistas a facilitar a compreensão o cenário amazônico onde ocorre o “Festival Folclórico de Parintins”.

O objetivo geral desse artigo foi fazer uma breve descrição da Amazônia, do Estado do Amazonas e do município de Parintins, santuário onde ocorre o “Festival Folclórico de Parintins” no Brasil.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS: ESPAÇO GEOGRÁFICO

Como o município de Parintins está localizado no Estado do Amazonas, pertencente ao país Brasil, e levando-se em consideração a importância de se representar através do mapeamento o espaço em que o caboclo parintinense, que também, juntamente com o “Festival Folclórico de Parintins”, é objeto de estudo desse artigo, vive, bem como a importância dos mapas para o conhecimento de determinada região, pois facilitam o conhecimento da mesma, através da tentativa de leitura e compreensão do espaço geográfico e ambiental e cultural dos cenários que compõem esse estudo, nessa breve contextualização, faz-se necessário apresentar primeiramente, os mapas do Brasil (figura 1), e do Estado do Amazonas (figura 2), para posteriormente apresentar o mapa de Parintins (figura 3).

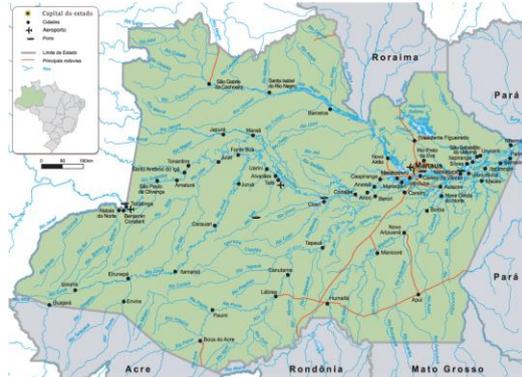


**Figura 1 – Mapa da Divisão Política do Brasil**

Fonte: <<http://www.apolo11.com/mapas.php?mapa=politico>>.

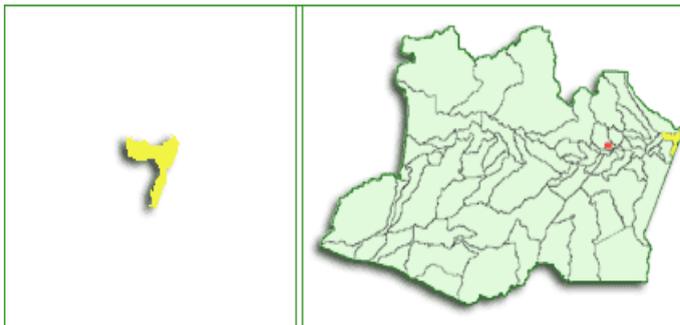
Embora tenha se apresentado anteriormente, o mapa do Brasil, o foco desta breve contextualização geográfica está no Estado do Amazonas,

que é considerado o maior estado da federação brasileira, onde está localizado o município de Parintins, e com dimensões continentais. O estado do Amazonas possui 62 (sessenta e dois) municípios, divididos em uma área de 1.559.159,148 km<sup>2</sup> e sua população estimada para 2019, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2020) foi de 4.144.597 habitantes. O censo de 2010, registrou uma população de 3.483.985 habitantes.



**Figura 2 – Mapa do Amazonas.**

Fonte: <<http://www.guiageo.com/amazonas.htm>>.



**Figura 3 - Mapa de Parintins.**

Fonte: <<http://www.bv.am.gov.br/portal/conteudo/municipios/parintins.php>>.

O Município de Parintins integra o Estado do Amazonas e situa-se na região Norte do Brasil, tratando-se de um município pacato, onde a vida transcorre vagarosamente numa autêntica simplicidade amazônica. Contudo, durante alguns meses que antecedem o mês de junho, impreterivelmente, começam os preparativos para o grande evento da Ilha: o Festival Folclórico de Parintins, a festa dos Bois-Bumbás Garantido e Caprichoso.

## **AMAZÔNIA**

Em sua obra clássica “Amazônia: Cultura e Sociedade”, Batista (2006, p.11) destaca que, falar da região amazônica em qualquer aspecto é aventurar-se senão no infinito, pelo menos no indefinido. Trata-se da terra mais nova do planeta, “recendendo ainda o cheiro embriagador da sua infância geológica, e é a menos conhecida das regiões da Terra, nos paradoxos de sua natureza desnorteante, ante a qual ruem os postulados das ciências naturais”.

Na visão de Souza (2009), ao longo de séculos, as perspectivas sobre a Amazônia alternaram as imagens de inferno e de paraíso. No imaginário nacional essas duas representações estão alicerçadas, em grande parte, em relatos fantásticos, mas, também, no desconhecimento da pluralidade e da multiplicidade de lugares, de ambientes, de gentes e de relações que prevalece na região.

No entanto, continua Souza (2009), nos últimos tempos esta situação vem mudando, haja vista que, a mídia tem notícias quase diárias sobre a Amazônia, pois ela está no centro das discussões mundiais diante das perspectivas sombrias colocadas pelo avanço do aquecimento global. Por outro lado, ainda que caminhe a passos lentos, nunca se pesquisou tanto sobre a região em todas as áreas, o que é muito bom.

O conhecimento produzido em bases científicas e acadêmicas constitui-se no grande antídoto contra a mistificação e as falácias. A sua divulgação, além de nortear políticas públicas e agendas, oficiais e não-governamentais, é um importante fator de conscientização do cidadão, das ações e práticas das pessoas comuns em suas lidas cotidianas (SOUZA, 2009).

Na história da Amazônia, destaca Batista (2006), já se escreveram capítulos extraordinários, tais a confederação ameríndia de Ajuricaba, a Cabanagem, a conquista do Acre e o ciclo do ouro negro, o qual lhe ensinou, nos primórdios do Século XX, uma situação privilegiada e de destaque ante as demais regiões brasileiras.

Ainda sob uma perspectiva histórica, a Amazônia tem sido alvo da cobiça internacional, em decorrência da diversidade da riqueza natural de suas florestas, abundância dos recursos “que podem ser extraídos de suas entranhas, a imensa área e a baixa densidade populacional que permitiriam abrigar grandes contingentes humanos e suas diversas produções”. Na realidade, “a visão distorcida da

Amazônia sempre conduziu a um fluxo de recursos naturais e de capital que gerou riquezas fora da região em detrimento das necessidades locais” (RIBEIRO et al, 2003, p. 23).

No que se refere às características físicas da floresta amazônica, destacam-se os seguintes dados:

A Floresta Amazônica com cerca de 5,5 milhões de km<sup>2</sup>, é a maior floresta tropical úmida do planeta e a mais rica em biodiversidade. A sua maior parte, cerca de 3,3 milhões de km<sup>2</sup> está no Brasil. Ela cobre 74% da Amazônia Legal, criada pelo governo em 1966 e compreende os Estados do Maranhão, Pará, Tocantins, Amapá, Amazonas, Roraima, Acre, Rondônia, Mato Grosso e abrange uma área total de 4,9 milhões de km<sup>2</sup> (60% do Território Nacional) (RIBEIRO, 2002, p. 255-256).

No bioma amazônico, caracterizado pela flora e fauna, incluem-se áreas do cerrado e campus naturais, com 63% florestas densas, abertas e estacionais, 22% vegetação nativa não florestal, savanas, campos naturais e campinaranas, e 15% de área desmatada até 2009. A Amazônia sul-americana, compreendida pelo bioma, corresponde a 1/20 da superfície terrestre, 2/5 da América do Sul, 1/5 da disponibilidade mundial de água doce, 1/3 das florestas mundiais latifoliadas (BARBOSA e MAGALHÃES, 2015, p.14).



**Figura 4 - Suntuosidade e grandiosidade da Floresta Amazônica.**

Fonte: <<http://viverdeeco.com/2012/03/01/fotos-da-floresta-amazonica/>>.



**Figura 5 - A grandiosidade das águas na Amazônia**

Fonte: <<http://viverdeeco.com/2012/03/01/fotos-da-floresta-amazonica/>>

Essa enorme riqueza configura a Amazônia como coração ecológico do planeta, onde a natureza é valorizada como capital de realização atual ou futura e como fonte de poder para a ciência contemporânea.

No que tange aos ecossistemas básicos, na floresta amazônica existem três básicos:

- 1) Ao lado dos rios mais ricos em húmus, cresce a mata de igapó, inundada quase permanentemente, é formada pelas trepadeiras, arbustos e árvores de 20 metros, como a Samaúma;
- 2) Ainda ao longo dos rios, em uma faixa periodicamente inundada pelas cheias, estende-se a mata das várzeas, domínio de árvores como a seringueira, a imbaúba, a copaíba, o cacauieiro e muitas trepadeiras e;
- 3) Nos níveis mais altos da planície, e avançando por planaltos, desenvolve-se a mata de terra firme (caa-etê), livres das inundações periódicas, com árvores como o castanheiro e o caucho, que atinge até 60 metros de altura (RIBEIRO, 2002, p.256).

Quanto à vegetação, Ribeiro (2002, p. 256) ainda destaca que uma das riquezas da Amazônia está na sua diversidade biológica. “As florestas tropicais cobrem apenas 7% da superfície seca da terra, mas concentram cerca de 60% de todas as formas de vida do planeta. Seis em cada espécie de seres vivos habitam essas matas”, sendo somente 30% delas são conhecidas pela ciência.

Das matas tropicais “foram extraídas 25% de todas as essências farmacêuticas utilizadas, atualmente, pela medicina”. Algumas das mais conhecidas: o Guaraná (figura 6) “tem propriedades vitalizantes, rejuvenescedoras e afrodisíacas”. O Crajiru (*Arribadaea chica*), “utilizada no combate às inflamações de qualquer natureza”; a Copaíba

(*Copaffera reticulata*), “o seu óleo é anti-inflamatório e cicatrizante; o Urucum (*Bixa orellana*) são sementes com propriedades capazes de aumentar a pigmentação natural” (RIBEIRO, 2002, p. 257).



**Figura 6 - O fruto do Guaraná.**

Fonte: Acervo próprio da Autora (2014).

No contexto das espécies vegetais e animais, ressalta-se que, os números são grandes quando se trata da Amazônia. Os cientistas explicam que, “em um pedaço de vinte centímetros quadrados, por exemplo, podem ser encontrados até 1,5 mil espécies vegetais e animais diferentes, somando-se fungos e microorganismos”. Projeções apontam que “cerca de 2,5 milhões de espécies tenham o seu habitat na região”. Há inúmeras espécies comestíveis, oleaginosas, medicinais, corantes e outras raras (RIBEIRO, 2002, p. 257).

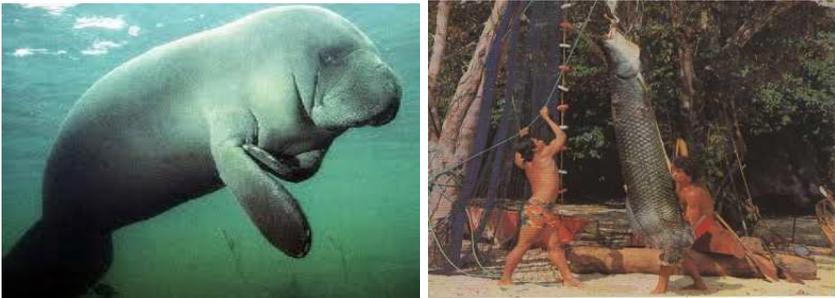
A Vitória-Régia (figura 7), conhecida como a “A Rainha dos Lagos Amazônicos” é uma planta que abre sua flor redonda sobre as águas rasas e sem correnteza como uma bandeja verde e chega a medir de 1 a 2,00 metros de diâmetro.



**Figura 7 - Vitória Régia.**

Fonte: <[http://www.obidense.com.br/Fauna\\_Flora\\_Pauxis\\_VITORIA\\_REGIA.html](http://www.obidense.com.br/Fauna_Flora_Pauxis_VITORIA_REGIA.html)>.

No que se refere à fauna e os recursos pesqueiros, Ribeiro (2002, p. 257) salienta que: “A fauna da região é muito variada em função dos ecossistemas. São roedores, felinos, aves, quelônios, primatas, dentre outros”. Como exemplo “o Peixe-Boi da Amazônia” (figura 8), “é um mamífero que pode atingir até 3 metros de comprimento e quase 500 quilogramas; extremamente dócil vive pelos rios amazônicos (ameaçado de extinção)”.



**Figura 8 - Peixe boi da Amazônia e Pirarucú.**

Fontes: <<http://www.revistaecotur.com.br/novo/home/?tipo=noticia&id=2716>>.  
<[https://www.inpa.gov.br/cpca/luizoli/textos/amazonia\\_27\\_pirarucu.html](https://www.inpa.gov.br/cpca/luizoli/textos/amazonia_27_pirarucu.html)>

Segundo Ribeiro (2002), somente peixes são mais de 2 mil espécies, sendo o Pirarucú (figura 8), um dos maiores peixes de água doce do mundo, podendo atingir 3 metros de comprimento e até 200 quilogramas.

No âmbito dos atrativos históricos e culturais, Ribeiro (2002, p. 258) destaca que a Amazônia “possui uma vasta riqueza como: monumentos, sítios ou locais arqueológicos e históricos, destacando-se o Estado do Amazonas”.

Na visão de Abrahão Filho (2010, p. 47): “a Amazônia dispõe de um grande patrimônio biológico que precisa ser resguardado e conservado, mas sem redomas ou santuários”, sendo ao mesmo tempo, “usufruído e aproveitado, porém com moderação e racionalidade, sem improvisações e com planejamento, para que não ocorra destruição”, atendendo ao paradigma do desenvolvimento sustentável com inúmeras opções que devem ser preservadas para as gerações futuras.

Como se pode perceber a Amazônia apresenta características *sui generis* no Brasil em termos de extensão territorial, sendo possuidora de uma imensa e densa floresta tropical e todo um conjunto de biosistemas correlacionados, possuindo extensões expressivas de bacias hídricas, e para complicar, como seria natural dizer, como “área

cobiçada” internacionalmente. Na esfera econômica, ao longo da história, Amazônia tem sido alvo de sucessivos “ciclos econômicos”:

[...] conduzidos por políticas públicas inadequadas, planejadas à distância e efetivadas por modelos de desenvolvimento puramente econômicos, elaborados sem levar em consideração as peculiaridades e realidades regionais. Em geral, a Amazônia sempre foi tratada como um todo único, talvez mais pelo que dela se ignorava do que pelo que realmente se lhe conhecia; e essa visão equivocada promoveu a apropriação indevida e a exploração não responsável dos recursos naturais, da biodiversidade e da sociodiversidade amazônica (ABRAHÃO FILHO, 2010, p. 46).

Nesse sentido, Ribeiro et al. (2003) esclarecem que, a prioridade do governo federal sempre foi atender as demandas externas, em detrimento das demandas internas e sempre que se tentou promover o desenvolvimento desta imensa região, os pressupostos que se verificaram nos diferentes modelos implantados, inclusive, no mais vigente e recente, foram a promoção da “ocupação” da imensa área, a utilização da riqueza natural e o aproveitamento econômico da biodiversidade amazônica, sem levar em consideração, na maioria das vezes, as necessidades e vocações naturais da região.

A necessidade de se ter um processo de desenvolvimento que respeite o tempo e os ritmos socioambientais da Amazônia se faz prioritária. Nesse contexto, é preciso investir e implementar políticas de desenvolvimento que sejam discutidas com a sociedade amazônica e que incorporem os aspectos desta rica sociodiversidade (RIBEIRO et al., 2003).

A preocupação com os danos ambientais e sociais oriundos dos modelos clássicos de desenvolvimento “tem levado a sociedade organizada e o poder público a mudar a forma de conduzir e propor modelos de desenvolvimento regional”, na busca de “propostas de produção a partir dos recursos naturais sempre levando em consideração a capacidade de renovação e a minimização dos impactos das atividades antropogênicas” (RIBEIRO et al., 2003, p. 24).

Na visão de Benchimol (1989, p. 31), ilustre e renomado autor amazônico saber usar o tempo adequadamente “será fundamental como estratégia para o desenvolvimento amazônico, pois se há problemas que exigem ação imediata para melhorar a vida de suas populações interioranas e urbanas”, há outros que demandam horizontes mais largos e longínquos.

No que se refere à valoração da Amazônia, ressalta-se que:

Essa valoração tem muitos aspectos que transcendem a avaliação do seu potencial econômico (agrícola, mineral, hidrelétrico, pecuário, pesqueiro, entre outros). Valores econômicos que, sobretudo, devem e precisam incluir sistemas de produção auto-sustentados, conservacionistas e preservacionistas; necessitam ser integrados em outros níveis de grandeza, como os biológicos, ecológicos, ambientais, sociais, políticos e humanos. [...] o projeto amazônico deve obedecer a quatro paradigmas, isto é, deve ser: economicamente viável; ecologicamente adequado; politicamente equilibrado; socialmente justo (BENCHIMOL, 1989, p. 31).

Neste sentido, esclarece Abrahão Filho (2010, p. 47-48), que a elite intelectual e acadêmica da região amazônica, em parceria com a sociedade, “deve buscar novas formas de utilização dos recursos naturais e de produção, tentando estabelecer uma relação estreita entre Economia e Ecologia”, direcionando propostas de desenvolvimento que respeitem o ambiente. Este processo se dá na Amazônia como “reflexo de uma mudança global, que resultou na formulação de um novo paradigma: o desenvolvimento sustentável e os sistemas abertos sustentáveis (SAS)<sup>2</sup>, como alternativa de desenvolvimento local e participativo para a Amazônia”.

## **AMAZONAS**

Assim como apresentar a Amazônia com suas características não é uma tarefa fácil, discorrer sobre o Estado do Amazonas também não é fácil, pois se trata do maior estado da federação, com dimensões continentais e com idiosincrasias típicas da região amazônica. Portanto, nesse contexto, serão feitas algumas considerações sobre o Estado do Amazonas, suas dimensões, e sub-regiões.

---

<sup>2</sup> Os SAS são caracterizados como ecossistemas de “livre acesso”, onde a utilização dos recursos comuns, especialmente os pesqueiros, está sujeita a regras intrínsecas de uso. São áreas de uso direto, cuja delimitação espacial está relacionada às formas de uso e a territorialidade determinada pela relação custo-benefício da exploração. As experiências e conhecimentos acumulados ao longo dos últimos anos, e o comprometimento das comunidades para a melhoria da qualidade de vida na área, resultaram na formulação de uma estratégia de desenvolvimento sustentável instituída como SAS - Sistemas Abertos Sustentáveis (RIBEIRO et al., 2003).

O Estado do Amazonas possui 62 (sessenta e dois) municípios, divididos em uma área de 1.559.159,148 km<sup>2</sup>. De acordo com o artigo 26 das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição do Estado do Amazonas, o espaço territorial do estado do Amazonas é integrado por nove sub-regiões com seus respectivos municípios (MAMED, 2015).

Alguns municípios do Estado do Amazonas podem ser acessados por via terrestre, os mais próximos de Manaus, dentre os quais se destacam Itacoatiara, Manacapuru, Presidente Figueiredo, Silves, Itapiranga, Rio Preto da Eva, Novo Airão e Iranduba. No caso dos municípios mais distantes de Manaus, tais como Apuí, não há rios próximos e seu acesso se dá através de estrada de terra, AM-237, que liga Apuí a Novo Aripuanã (BUZAGLO, 2010).

No caso do município de Boca do Acre, seu acesso é através da BR-317, que liga Boca do Acre ao estado do Acre. No caso de outras localidades da região Sul do Amazonas, tem-se a BR-319, que liga Porto Velho a Manaus, e a BR-230, a Transamazônica, que interligam alguns municípios do Sul do estado e do Baixo Amazonas. No entanto, as estradas BR-319 e BR-230 não possuem asfaltamento ou sinalização, dificultando o acesso por estradas aos municípios mais distantes e, nos períodos de chuva, as estradas de terra ficam intransitáveis. Essas rodovias tiveram uma relação direta com o processo de ocupação regional. Grande parte da população que migrou para região se fixou próximo às estradas (BUZAGLO, 2010).

Estabelecendo-se uma comparação do tamanho da área do Estado do Amazonas com as áreas de países europeus, o Amazonas possui grandes dimensões, e ao se comparar suas dimensões com a de outros países, observa-se que, dentro dos 1.570.745, 680 km<sup>2</sup>, área do estado, há espaço para acomodar dez países europeus (BUZAGLO, 2010).

Dos 62 (sessenta e dois) municípios, incluindo Manaus, que integram o Amazonas, o de maior extensão é Barcelos, com 122.475,7 km<sup>2</sup> de área, maior que o estado de Sergipe, que possui 21.910,348 km<sup>2</sup> de área. Quanto ao menor município, tem-se Iranduba, medindo 2.215,0 km<sup>2</sup>, maior que São Paulo, capital, com 1.528 km<sup>2</sup> de área (MAMED, 2015).

As dimensões exigiram do legislador amazonense a criação de sub-regiões, de acordo com o artigo 26 da Constituição do Estado do Amazonas, visando ao desenvolvimento urbano-regional do Estado, com o objetivo de criar ou estabelecer as condições que possibilitem a

melhoria da qualidade de vida da população interiorana, mediante a internalização do processo de desenvolvimento, a partir de seu polo dinâmico, a capital; reduzir as desigualdades existentes no ambiente socioeconômico-cultural do estado; fortalecer os núcleos urbanos por meio de suas inter e intradependências (BUZAGLO, 2010).

O Estado do Amazonas é recortado por rios e lagos, que são utilizados como hidrovias, e existem milhares de quilômetros de vias navegáveis na região. Alguns, como os rios Amazonas/Solimões e o Madeira, por exemplo, apresentam elementos de balizamento e sinalização que os caracterizam como hidrovias. No entanto, a viagem de um município a outro pode demorar dias ou semanas, se for feita pelos rios, pois a velocidade da correnteza em sentido contrário, influencia na velocidade da embarcação. O estado possui também transporte aéreo e rodoviário, mas não atende a todos os municípios, o que faz do transporte fluvial, o principal meio de locomoção (BECKER et al., 2008).

Portanto, a vocação da Amazônia em termos de mobilidade é a hidroviária, exceto em períodos de vazante, em que os rios secam e tornam praticamente impossível a mobilidade na região, a não ser por via aérea, mas seu eixo central é navegável o ano todo. Assim é necessário citar que: o Rio Amazonas é o maior rio da Terra, com uma extensão total de 6.992,6 km, maior que o Nilo, que possui 6.852,15 km, conforme dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE, 2008).

Faz-se necessário ainda citar que uma parte da bacia se encontra em território do Estado do Amazonas, cabendo aqui fazer referência ao Rio Amazonas, que foi utilizado como base de hidrovia para fazer a divisão do território do estado do Amazonas em calhas de rios, de acordo com ao artigo 26 da Constituição do Estado do Amazonas (MAMED, 2015).

A complexidade de navegabilidade dos rios do estado do Amazonas é considerável para os habitantes que vivem em locais longínquos do maior estado da federação. Segundo dados do Ministério dos Transportes: “a Amazônia brasileira possui uma rede hidroviária da ordem de 24 mil km<sup>2</sup>, ocupando uma extensão territorial com mais de 3,6 milhões de km<sup>2</sup>”. Os principais rios que integram este subsistema “são navegáveis em grande parte de seu percurso e formam a espinha dorsal que estrutura a rede viária da Amazônia” (REBOUÇAS et al., 2006, p. 575).

O Rio Amazonas, incluindo seu principal formador, o Rio Solimões, é navegável em território brasileiro desde sua foz até a cidade de Benjamim Constant, em um estirão de 3.108 km. A calha do Rio Solimões, por exemplo, de sua foz até o Rio Negro, nas proximidades de Manaus, apresenta profundidades disponíveis de 13,5 m, que é a limitação existente na sua desembocadura. As cidades ribeirinhas mais importantes desse rio no território do Amazonas são: Parintins, Urucurituba, Itacoatiara, Manacapuru, Manaus, Codajás, Coari, Tefé, Fonte Boa e Benjamim Constant. Quanto à sinalização náutica dos Rios Amazonas/Solimões, é mantida pelo Ministério da Marinha (BUZAGLO, 2010).

Na visão de Abrahão Filho (2010, p.51), “o rio, ao mesmo tempo, cria vínculos e isolamentos entre as pessoas dessas populações, haja vista que, são esquecidos pelas ações do poder público”, o que contribui para manter as dificuldades que as comunidades ribeirinhas enfrentam.

## **PARINTINS: A ILHA CENÁRIO DO FOLCLORE**

### **Aspectos históricos, geográficos e econômicos**

As informações sobre Parintins apresentadas a seguir foram coletadas pela autora do artigo, em visitas ao município de Parintins no ano de 2010, e complementadas por informações coletadas no Relatório do XLIV Festival Folclórico de Parintins de 2009, no *site* da Biblioteca Virtual do Amazonas (BVAM)<sup>3</sup>, no *site* da cidade de Parintins<sup>4</sup>, e outras fontes como os trabalhos de Braga (2001), Silva (2005), Batista (2006), Abrahão Filho (2010), Nogueira (2014), dentre outros.

Sob uma perspectiva histórica, segundo Braga (2001), a Ilha Tupinambarana e regiões próximas possuem registro de habitantes desde o Século XII, de acordo com achados em fragmentos de cerâmica e objetos líticos.

À época do "descobrimento" do Brasil, eles eram, segundo fontes pesquisadas de relatos históricos, os Maués, Paruenis, das festas da tocandira (ou tocandeira), do tipiti, das artes plumárias e dos crânios reduzidos dos inimigos. Os Mundurucus, também com o costume de reduzir os crânios dos inimigos e usá-los como trunfos de guerra, das artes plumárias e corporais, e, principalmente, das festas grandiosas.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.bv.am.gov.br/portal/conteudo/municipios/parintins.php>>.

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www.parintins.com/docs/parintins/index.php?p=ilha>>.

Parauenis, Parintin e Parintinim, nômades, exímios artífices das artes plumárias e antropófagos (BRAGA, 2001, p. 22).

De acordo com relatos dos primeiros viajantes, as etnias supramencionadas viviam em imensas festas tribais, se enfeitavam com artefatos ricos em plumagens, celebrando a vida e a morte, o plantio e a colheita, a guerra e a paz (BRAGA, 2001). As informações disponibilizadas nos *sites* da Biblioteca Virtual do Amazonas (BVAM) e da cidade de Parintins (parintins.com) registram que a história de Parintins está calcada na forte presença indígena e na exploração da Coroa Portuguesa, e foi primitivamente habitada por índios Tupinambá, Sapupé, Peruviana, Mundurucu, Mawe e Parintins. Seu nome é originado da tribo dos índios Parintintins.

A descoberta de Parintins ocorreu em 1749, quando o explorador José Gonçalves da Fonseca, ao descer o Rio Amazonas, observou uma ilha que, por sua extensão, se sobressaía das outras localizadas à direita do grande rio. No entanto, a fundação da localidade só foi realizada em 1796, pelo Capitão de Milícias José Pedro Cordovil, que, ao receber da rainha D. Maria I a ilha de presente, veio para a ilha com seus escravos e agregados para se dedicar à pesca do pirarucu e à agricultura, chamando-a de Ilha Tupinambarana (BVAM, 2014).

No ano de 1803 a Ilha Tupinambarana foi aceita e elevada à Missão Religiosa pelo Capitão-mor do Pará, Conde dos Arcos, que incumbiu sua direção ao Frei José das Chagas, recebendo a denominação de Vila Nova da Rainha. A eficiente atuação de Frei José provocou um surto de progresso e desenvolvimento na Vila, mediante a organização da comarca do Alto Amazonas. E no ano de 1833, essa Missão foi elevada à categoria de Freguesia, mudando o nome para Nossa Senhora do Carmo de Tupinambarana (BVAM, 2014).

Na linha do tempo da criação de Parintins apresentada nos *sites* da BVAM (2014) e no Parintins.com (2014), elencam-se cronologicamente vários fatos importantes, no entanto, destacam-se aqui os mais importantes.

Em 15.10.1852, pela Lei nº 02, é confirmada a criação do município e em 14.03.1853, dá-se a instalação do município de Parintins. Em 30.10.1880, pela Lei Provincial nº 499, a sede do município recebe foros de Cidade e passou a denominar-se Parintins. Mais tarde em 10.12.1981, pela Emenda Constitucional nº 12, extinta a

antiga divisão distrital, o Município de Parintins é constituído pela cidade de Parintins (sede) e pelas agrovilas de Mocambo e Cabury.



**Figura 9 - Localização de Parintins.**

Fonte: Parintins.com <<http://www.parintins.com/docs/parintins/index.php?p=localizacao>>.

A partir de uma perspectiva geográfica, a cidade está localizada em uma das ilhas do arquipélago Tupinambarana, na margem direita do Rio Amazonas, entre os Rios Madeira e Paraná do Ramos, a 369 quilômetros em linha reta de Manaus, capital do Amazonas. O município de Parintins está localizado na região do médio Amazonas, localização da 9ª sub-região, o denominado "coração geográfico" do Estado, entre Manaus e Belém, capital do Estado do Pará, e distante de Manaus a 420 km por via fluvial (NOGUEIRA, 2014), conforme demonstrado anteriormente na figura 9.

Na ilha de terra firme, e a uma altitude de aproximadamente 15m acima do nível normal do Rio Amazonas está situada a cidade de Parintins, conhecida em grande parte do mundo por realizar nos três dias do último final de semana do mês de junho, o maior festival folclórico da região, encantando a todos com as toadas e os rituais envolventes da brincadeira entre dois bois bumbás: Garantido e Caprichoso (ABRAHÃO FILHO, 2010).

O arquipélago Tupinambarana, onde está localizado o município de Parintins, é formado por dois ecossistemas de várzea<sup>5</sup> e

---

<sup>5</sup> As várzeas são áreas alagáveis situadas às margens de rios de água branca, que ocupam cerca de 5% da Amazônia (BENCHIMOL, 1989). A extensão das áreas alagadas por rios de água branca para o Estado do Amazonas é de aproximadamente 150.000 Km, porém, deve-se destacar que a extensão das áreas de inundação depende das características geomorfológicas locais e do grau de deposição de sedimentos provenientes das cabeceiras dos rios de água branca. Essa deposição está associada ao processo de erosão das margens nos diversos locais ao longo das calhas, determinado por uma variedade de características, que incluem a velocidade da água, a intensidade, direção e extensão das

terra firme, rico em recursos naturais, principalmente pesqueiros, vegetação flutuante, aves e animais silvestres. Territorialmente, o município tem uma área de 5.952,390 Km<sup>2</sup> de superfície, sendo 50% de Várzea, 30% de Terra-Firme e 20% de rios e lagos, limitando-se com o Estado do Pará e no Estado do Amazonas, com os municípios de Barreirinha, Urucurituba e Nhamundá (ABRAHÃO FILHO, 2010).

O clima de Parintins é tropical chuvoso-úmido, com precipitação pluviométrica anual de 2275,4 mm e temperatura em torno de 21,3 a 36,4°C. A umidade relativa do ar chega a 85%. No Amazonas as estações do ano são em geral duas: inverno; estação das chuvas e verão que é a das secas (SILVA, 2005).

A vegetação de Parintins e sua circunvizinhança são formadas por floresta de várzea e de terra firme. Seu relevo é composto de lagos, ilhotas e também uma pequena serra, nas divisas com o Estado do Pará. Um dos seus pontos turísticos é o complexo lagunar de Macunaricanã, do qual fazem parte aproximadamente quarenta lagos, uma atração sazonal, que pode ser vista em finais de julho (ABRAHÃO FILHO, 2010).

Segundo informações compiladas pelo SEBRAE/AM, em apostila do “Curso de Turismo Receptivo”, oferecido em Parintins no ano de 2004, e apresentadas por Abrahão Filho (2010), a região possui variados recursos naturais, e dentre os que mais se destacam estão:

- Serra de Parintins: é uma pequena formação de 152 metros de altitude, circundada por espessa vegetação rica em sua flora e fauna. No seu entorno é possível contemplar o belíssimo Lago da Valéria. É a região ideal para os observadores da natureza e interessados na prática da pescaria esportiva.
- Rio Uaicurapá: na época da vazante surgem belas praias fluviais. No mês de setembro, a praia de Itaracuera serve de cenário para a realização do Festival de Verão, com a escolha da Garota Verão, shows musicais e competições esportivas.
- Lago do Macurany, Parananema e Aningá: localizam-se atrás da cidade. Na sua margem vislumbra-se uma paisagem belíssima, com várias fazendas de criação de gado e um castanhal nativo e centenário (ABRAHÃO FILHO, 2010, p. 92-93).

---

inundações anuais, o suprimento de afluentes e outros parâmetros mais complexos (ABRAHÃO FILHO, 2010).

Dentre os recursos naturais, que mais se destacam estão ainda:

- Pescaria Esportiva: são inúmeros espécimes de peixes da Amazônia que se encontram nos rios e lagos que circundam a cidade de Parintins. Durante o ano todo é recomendada a pesca esportiva nos lagos Macurany, Parananema, Aninga, Poção, Andirá, Uaicurapá, Zé Açú, Valéria e Macuricanã.
- Lago do Macuricanã: santuário ecológico de rara beleza que o caboclo aprendeu a conservar e proteger. Lago de água barrenta, com inúmeros espécimes de peixes e aves exóticas (ABRAHÃO FILHO, 2010, p. 93).

Essas informações abrangem a área urbana e rural de Parintins, enfocando seus atrativos naturais e manifestações culturais. É importante ressaltar que não existe, ou não é de conhecimento público, avaliações do município quanto à capacidade de visitas, limites de acesso no contato com o meio ambiente e mecanismos de controle da ação humana sobre a natureza. Em Parintins, o “Festival Folclórico de Parintins” ocorre em junho, no final do período de seis meses de chuvas intensas (MAMED, 2015).



**Figura 10 - Palafita: moradia típica da região amazônica.**

Fonte: Silva (2005, p. 23).

Na visão de Silva (2005), a paisagem natural é de encantamento e segue num contínuo: águas, floresta, pequenos povoados (comunidades) e palafitas solitárias (figura 10) que são casas construídas sob estacas às margens dos rios, funcionando como moradias e alojamentos, (talvez de pescaria e coleta de frutos), florestas alagadas, apresentando cenários maravilhosos e inebriantes.

O acesso é por via fluvial ou aérea. Na figura 11, pode-se visualizar as embarcações típicas amazônicas e seus respectivos “dormitórios”.



**Figura 11 - Barco a Caminho de Parintins e redes nos “dormitórios”.**

Fonte: Silva (2005, p.13; 27).

Silva (2005) descreve da seguinte forma as embarcações típicas do Amazonas e seus respectivos “dormitórios”. Esses barcos convencionais contam com uma divisão na parte inferior (porão) onde se leva quase de tudo: mudanças, eletrodomésticos, produtos alimentícios, dentre outros. Na parte superior fica a lanchonete que funciona também como área de lazer e local de maior visibilidade da paisagem amazônica. O som, quase sempre em um volume muito alto, apresenta de tudo: músicas populares, a maioria do gênero considerado brega e, logicamente “toadas” dos bois. Os “dormitórios” improvisados no barco são repletos de redes coloridas, a maioria nas cores, ou trazendo estampas dos bois (vermelho ou azul), ocupam quase todo o barco. Livre, só um pequeno corredor nas laterais do mesmo que fica o tempo todo congestionado pelo ir e vir dos passageiros.

Na esfera econômica, o *site* da BVAM (2014) destaca as seguintes informações econômicas do município de Parintins: no setor primário: agricultura, pecuária, pesca, avicultura e extrativismo vegetal.

Segundo Silva (2005), a Ilha, atualmente, possui os maiores rebanhos de bois e búfalos do Estado. No setor primário, a economia acontece através do plantio e comercialização de frutos típicos da região, da malva (fibra), juta e da pesca. A extração vegetal é bastante praticada como, por exemplo, a da copaíba (óleo), castanha do Brasil, pau-rosa cujo extrato é um dos principais componentes do famoso perfume francês Chanel nº 05, e outras madeiras nativas.

No setor secundário prevalecem as indústrias nas seguintes atividades: esquadrias metálicas, peças metálicas, gelo, redes e tapetes, beneficiamento de malva, sacos/fios/tela de juta, beneficiamento de arroz, moinho de café, beneficiamento de pau-rosa, estaleiros, serrarias, olarias, marcenarias. No setor terciário, destacam-se as seguintes atividades: comércio: varejista e atacadista; e serviços como os de hotelaria, agências de viagens, agências bancárias, restaurantes, cinemas, hospitais, oficinas mecânicas, clínicas odontológicas, clínicas médicas (BVAM, 2014).

Abrahão Filho (2010) destaca que, no setor turístico, através do “Festival Folclórico, Parintins”, o município desponta como uma das principais cidades com vocação turística do Estado do Amazonas, surgindo uma tendência promissora para investimentos. No município, em seu entorno e suas comunidades, não se contempla somente o Festival como atração turística, pois Parintins oferece uma diversidade cultural e natural que lhe assegura o desenvolvimento de variadas modalidades de turismo, como, por exemplo, o ecoturismo e o turismo de base comunitária (TBC) e que se destacam pela política ecologicamente correta, economicamente sustentável e sistematicamente viável.

### **Infraestrutura básica e turística de Parintins**

De acordo com dados do IBGE (2020), apesar do município ser considerado de pequeno porte é o segundo maior do Estado, com aproximadamente 102.033 habitantes (censo de 2010), sendo que a população estimada para 2019 era de 114.273 habitantes.

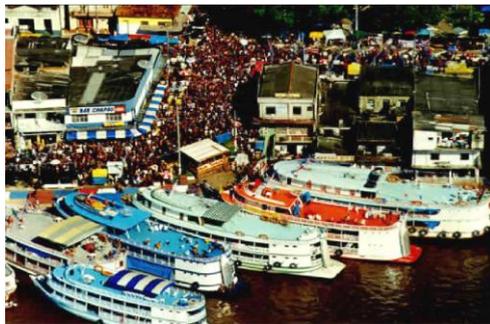
Segundo Abrahão Filho (2010), o município, durante vários anos, passou e ainda passa por algumas dificuldades nos setores de urbanização, saneamento, saúde e educação, sendo um dos maiores entraves do desenvolvimento econômico o setor energético. Atualmente, a realidade não se apresenta muito diferente, porém, percebe-se que tais dificuldades foram minimizadas em decorrência do “Festival Folclórico de Parintins”, assim, os problemas foram em parte reduzidos. Por ser uma ilha, Parintins dispõe de somente dois modos de transporte: aéreo e fluvial. O fluxo de carga e passageiros entre a capital do Estado e o município acontece por via aérea com linha regional regular e diariamente (MAMED, 2015).

Quanto à infraestrutura aérea dados do Relatório do XLIV Festival Folclórico de Parintins (2009), o aeroporto Júlio Belém entrou

em reforma durante o ano de 2009 para atender as necessidades dos visitantes, bem como às exigências de segurança da aviação civil. O terminal foi reformado, recebeu equipamento como RX de bagagem, pórtico e todo o suporte necessário para segurança dos vôos, coordenados pela Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (INFRAERO).

Por via fluvial ocorre com barcos saindo diretamente de Parintins ou passando de outros municípios da calha do Rio Amazonas. O acesso também ocorre por meio de lanchas tipo expresso, que, por serem velozes, são bastante utilizadas na condução de passageiros, encurtando as distâncias e adaptadas às condições da região. Segundo o Relatório do XLIV, no ano de 2009 houve o registro de 255 embarcações e um movimento de 6.924 pessoas.

Sobre o porto do município de Parintins (figura 12), salienta-se que, o novo Porto de Parintins dispõe de uma área de 7.500 m<sup>2</sup>, abriga um cais com ponte flutuante que acompanha a vazante e enchente do rio, dotado de um sistema de amortização de choque para atracação de transatlânticos, num investimento de quinze milhões e setecentos mil reais, com recursos do Departamento Nacional de Infra-Estrutura de Transportes (DNIT) e executado pelo Exército Brasileiro (MAMED, 2015).



**Figura 12 - Porto de Parintins.**

Fonte: Silva (2005, p. 33).

De acordo com Abrahão Filho (2010), dentre os aspectos de infraestrutura básica mencionado, uma das deficiências mais agravantes é, sem dúvida, a qualificação dos recursos humanos do município. Como o turismo tem na sua essência a prestação de serviços, o recurso humano é o seu principal elemento. O atendimento ao turista ainda é realizado de forma amadora, falta capacitação nos segmentos

da atividade turística e profissionalização da atividade. O atendimento ao visitante é ruim e somente durante o festival é que acontece o Serviço de Atendimento ao Turista (SAT). No entanto, a Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Turismo (SECTUR), destaca que Parintins busca progredir nesta área e que no município já existem guias turísticos formados pelo Centro de Educação Tecnológica do Amazonas (CETAM). A Secretaria também afirmou que está se formando uma turma de turismo de desenvolvimento local. Na Universidade do Estado do Amazonas (UEA) em Parintins, existe o curso de tecnólogo em turismo.

Na visão de Batista (2006) muitas melhorias que ocorreram na infraestrutura básica do município e que beneficiaram a infraestrutura turística do mesmo, foi em decorrência do “Festival Folclórico de Parintins”, que tem projeção nacional e internacional e atraiu investimentos tanto do setor público quanto do setor privado.

Para Abrahão Filho (2010, p. 89), “Parintins tem no seu festival folclórico um grande trunfo como estratégia mercadológica para atração turística”. Na arena do Bumbódromo (figura 13), “local onde a festa é realizada, sempre no último final de semana do mês de junho<sup>6</sup>, destaca-se a apresentação do maior espetáculo a céu aberto do país, um verdadeiro teatro ao ar livre”.



**Figura 13 - Vista Aérea de Parintins, com destaque para o bumbódromo.**

Fonte: Silva (2005, p. 35).

---

<sup>6</sup> Até o ano de 2004, a Festa dos Bois acontecia nos dias 28, 29 e 30 de junho, no entanto, em decorrência dos dias às vezes caírem em dias úteis de trabalho, para não prejudicar os turistas, o Festival passou a ser realizado no último final de semana do mês de junho.

O bumbódromo ou Centro de Convenções Amazonino Mendes, foi inaugurado em 24 de junho de 1988 e aberto para o 22º Festival Folclórico, naquele mesmo ano.

O Bumbódromo tem 35 mil lugares, entre camarotes, arquibancadas especiais e arquibancadas gratuitas. Essas representam 95% dos lugares e são divididas em duas partes rigorosamente iguais para as torcidas do Caprichoso, representada pela cor azul, e a do Garantido, cor vermelha. Cada um dos lados da arquibancada é pintado com a cor de um Boi. Os quatro mil brincantes (foliões) e cada um dos grupos cantam e contam na arena do Bumbódromo a lenda do Boi-Bumbá. As fantasias e as alegorias, que podem chegar a 30 metros de altura, revelam a criatividade do povo local. Penas, cores, luzes e brilhos fazem um espetáculo apoteótico nos três dias de apresentações: 28, 29 e 30 de junho. Os dois Bois dançam e cantam por um período de três horas, com ordem de entrada na arena alternada em cada dia (TERRA, 2014).

Como bem observa Batista (2006), uma platéia de aproximadamente 35 mil pessoas diverte-se com o ritmo contagiante das toadas, com as gigantescas alegorias (estruturas em ferro que formam os cenários das apresentações dos bumbás), e deslumbra-se com os encantadores itens oficiais dos bumbás, além da marujada ou batucada, rituais, alto do boi, dentre outros atrativos.

De acordo com Nogueira (2014), os bois-bumbás Garantido (cor vermelha) e Caprichoso (cor azul) encerram, nas três últimas noites de junho, o festival folclórico da cidade, cuja primeira edição foi realizada em 1965. O espetáculo, com duas horas e meia de duração por noite, para cada boi-bumbá, é realizado, desde 1988, no bumbódromo, um teatro de arena com capacidade oficial para 35 mil pessoas que serve de palco e vitrine para o imaginário amazônico. Nesses três dias, a cidade recebe aproximadamente 50 mil turistas ou visitantes, como prefere chamá-los a população local.

Na visão antropológica de Vianna (2014), o bumbódromo é um dos palcos onde a Amazônia, sem pedir licença a ninguém, redefine seu lugar na cultura brasileira, e a exemplo da floresta, já retomou a Transamazônica e os novos índios reescrevem a trama do boi e fazem dela o seu ritual.

Trata-se de um acontecimento que, no mês de junho, atrai a atenção dos governos federal, municipal e estadual para o sucesso da realização da festa. A dimensão do festival já ultrapassou os limites do

município e, é hoje um dos mais importantes eventos turísticos do Estado. A infraestrutura básica essencial à qualidade de vida da comunidade também beneficia os turistas. Há mais de quatro décadas a cidade de Parintins realiza o festival folclórico, e mesmo havendo investimentos dos governos federal, estadual e municipal, a infraestrutura do município ainda é precária (ABRAHÃO FILHO, 2010).

No entanto, esclarece Abrahão Filho (2010), embora Parintins apresente um potencial turístico muito bom, o município ainda não dispõe de todos os equipamentos e serviços turísticos necessários para o bom andamento do setor e para satisfazer totalmente a demanda do “Festival Folclórico de Parintins”. A infraestrutura básica e turística de Parintins revela-se insuficiente, e em alguns casos, precisa-se de melhorias para condições de uso. Além disso, por ocasião do festival, os preços, principalmente com alimentação e hospedagem, são considerados relativamente altos.

No que se refere ao comércio turístico e artesanato, segundo Silva (2005) e mais recentemente, Abrahão Filho (2010) destacam que a associação dos artistas plásticos, reclama da falta de espaços e incentivos por parte dos órgãos públicos, pois o município não possui museus, nem outros locais destinados a exposições, a não ser um pequeno espaço, na Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Turismo (SECTUR). E somente a partir de 2003 é que cursos de artes plásticas, nas modalidades técnico e superior passaram a ser oferecidos na cidade pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Os produtos do artesanato local, regional e indígena são vendidos em lojas especializadas e exposições, em pontos estratégicos da cidade que funcionam no período do Festival (SILVA, 2005), e nesse sentido, Abrahão Filho (2010) sugere o Turismo de Base Comunitária (TBC) em Parintins para gerar renda para a população da cidade e ribeirinha, não somente no Festival.

O Turismo de Base Comunitária (TBC) mobiliza, organiza e fortalece os atores locais residentes de destinos para a gestão e a oferta de bens e serviços turísticos, visando tanto atrair turistas que demandam especificamente este segmento turístico, como agregar valor a destinos turísticos de cunho mais tradicional, por meio da oferta deste segmento, cujos elementos de preservação e valorização da cultura local, sua identidade e produção são de interesse dos visitantes. Além disso, a interação entre a comunidade fortalecida em todos os aspectos da sustentabilidade e os visitantes externos é que pode gerar ganhos

de bem-estar para a população local, assim como na experiência do visitante (ABRAHÃO FILHO, 2010, p. 59).

Os turistas são atraídos ao festival parintinense desde a década de 1980, quando grupos de simpatizantes desse folguedo passaram a divulgá-lo em Manaus, por meio de reuniões de lazer animadas por toadas. Em 1988, com a inauguração do bumbódromo, o Estado assume, por meio de parceria com as agremiações folclóricas e prefeitura local, a organização e realização do evento (NOGUEIRA, 2014).

De acordo com Nogueira (2014), o “Festival Folclórico de Parintins” entra, a partir dessa época, na agenda de eventos turísticos do Estado do Amazonas e aprimora as suas relações com o mercado, em versão espetacular, e diferencia-se da dança de terreiro ou da dança dramática animada por tambores, palminhas (matracas), chocalhos e raspadores, folgança típica das parentelas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Mesmo que seja breve, tentar descrever a Amazônia, o Estado do Amazonas e o município de Parintins, santuário onde ocorre o “Festival Folclórico de Parintins” não é fácil, pois, nesse cenário, ocorre uma manifestação popular eivada de simbologia, que agrega em sua constituição aspectos relativos à religiosidade de um povo, sua historicidade, seus valores dentre outros fatores como é o caso do Festival, demanda uma descrição concreta da realidade para que sejam evitadas abstrações e/ou a predominância do empirismo.

Portanto, descrever esse cenário, onde predomina a cultura popular amazônica no contexto de paradigma pós-moderno e globalizante, foi o grande desafio deste artigo, afinal, o Festival, é fruto da cultura popular amazônica, transformou-se em um espetáculo suntuoso, evento obrigatório nas agendas turísticas brasileiras.

A magnitude do Festival e a sua importância para o desenvolvimento econômico, social, político, educacional e cultural do município de Parintins torna imprescindível a sua abordagem geográfica e meio ambiente cultural, inclusive contemplando aspectos históricos e econômicos da região amazônica, evidenciando as questões regionais e locais, como as expostas no espetáculo amazônico do Boi Bumbá.

É muito embora anualmente o espetáculo remonte às tradições dos parintinenses, mais precisamente dos ancestrais indígenas, o Festival encanta por incontáveis aspectos, dentre os quais se destacam as toadas, o espetáculo sonoro e visual, que proporcionam a todos indistintamente, a indescritível sensação da magia ritualística do autêntico folclore popular.

Parintins não tem nostalgia do antigo que foi “repaginado” e trabalhado a partir da contemporaneidade. Esse é o contexto cultural parintinense de um povo responsável por um dos mais belos e tradicionais espetáculos folclóricos do Brasil. Esta aparente dicotomia, mesclando simplicidade e esplendor, que transforma em poucos meses um povo habitualmente pacato em um zeloso e ágil fabricante de ilusões, do caboclo ribeirinho habituado a vencer a hidrografia da Amazônia, em um exímio brincante, disposto a defender com insuspeita desenvoltura e maestria as cores do seu Boi.

Na realidade, pesquisar e escrever atividades que ora se desenvolve, caracteriza-se como um ato de mobilização, sensibilidade, imaginação, criação, ficção, realidade e sociabilidades. Nesse sentido é que se pode entender, este artigo como um ato cognitivo do campo da natureza e da cultura. Observa-se que, enquanto a academia se apropria daquilo que o “Festival Folclórico de Parintins” produz em termos de expressões artísticas e representações socioculturais, para elaborar reflexões e gerar conhecimento científico, seus artistas também se apropriam dos estudos acadêmicos, para fundamentar suas criações espetaculares.

Os conhecimentos empíricos e científicos entrecruzam-se na realização de um fenômeno sociocultural que se sustenta nas possibilidades das técnicas, da fé, do afeto e da paixão. É de fundamental importância que os eventos culturais, principalmente os regionais e locais, sejam também trazidos e discutidos na esfera educacional, objetivando demonstrar aos alunos e a comunidade como um todo, quão importantes são essas manifestações populares para sua história de vida e para a sua formação cultural, bem como para a conservação e preservação do meio ambiente.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO FILHO, Hissa Nagib. **O turismo de base comunitária como estratégia de desenvolvimento sustentável da área ribeirinha de Parintins**. 2010. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional). Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, 2010.
- BARBOSA, Michelle de Oliveira; MAGALHÃES, Maria das Graças Santos Dias. O desmatamento em Roraima e os desafios para o desenvolvimento sustentável. In: MAGALHÃES, Maria das Graças Santos Dias; LIRA JÚNIOR, Américo Alves de (Organizadores). **Desenvolvimento Regional da Amazônia: limites e possibilidades**. Boa Vista: Editora da Universidade Federal de Roraima - UFRR, 2015.
- BATISTA, Djalma. **Amazônia: Cultura e Sociedade**. 3.ed. Manaus: Valer, 2006.
- BATISTA, Suzanna Caroline Araújo. **Ecoturismo: uma alternativa econômica para a o município de Parintins**. 2006. Monografia (Graduação em Economia). - Universidade Federal do Amazonas - UFAM, Manaus, 2006.
- BECKER, Bertha et al. **Um futuro para a Amazônia**. Manaus: Oficina de textos, 2008.
- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: planetarização e moratória ecológica**. São Paulo, CERED, 1989.
- BRAGA, Sérgio Ivan Gil. **Os Bois-bumbás de Parintins**. 2001. Tese (Doutorado). - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2001.
- BUZAGLO, Raquel Hosana Freire. **Educação ambiental através de ensino presencial com mediação tecnológica no sul do Amazonas**. Tese (Doutorado Ciências Policiais de Segurança e Ordem Pública). Centro de Altos Estudos de Segurança “Cel PM Nelson Freire Terra” da Polícia Militar do Estado de São Paulo, São Paulo, 2010.
- BVAM. Biblioteca Virtual do Amazonas. **Municípios do Estado. Parintins**. Disponível em: <[http://www.bv.am.gov.br/portal/cont\\_eudo/municipios/parintins.php](http://www.bv.am.gov.br/portal/cont_eudo/municipios/parintins.php)> Acesso em: 03 nov. 2014.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Amazonas**. <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/panorama>>. Acesso em: 17 ago. 2020.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Parintins**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/am/parintins.html>>. Acesso em: 17 ago. 2020.
- INPE. **Pesquisa revela que o Amazonas é mais extenso que o rio Nilo**. Disponível em: <[http://www.inpe.br/noticias/noticia.php?Cod\\_Noticia=1501](http://www.inpe.br/noticias/noticia.php?Cod_Noticia=1501)>. Acesso em: 27 dez. 2013.
- MAMED, Maria do Socorro Barbosa da Silva. **Diversidade cultural e educação ambiental: um diálogo entre a teoria e a prática do Festival Folclórico de Parintins como ferramenta de aprendizagem na rede pública municipal**. Assunção, PY, 2015.
- MORIN, Edgar. **O método 6: Ética**. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE PARINTINS. Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Turismo (SECTUR). **Relatório do XLIV Festival Folclórico de Parintins 2009**. Parintins: SECTUR, 2009.
- REBOUÇAS, Aldo da Cunha; et al. **Águas doces do Brasil, capital ecológico, uso e conservação**. São Paulo: Escrituras, 2006.
- RIBEIRO, Joana D'arc. Ecoturismo: sustentabilidade na Amazônia. In: RIVAS, Alexandre; FREITAS, Carlos Edwar de Carvalho (orgs.). **Amazônia: uma perspectiva interdisciplinar**. Manaus: Universidade do Amazonas - EDUA, 2002.

Maria do Socorro Barbosa da Silva Mamed- **Amazônia, Amazonas e Parintins: Uma Breve Descrição do Cenário onde Ocorre o Festival Folclórico de Parintins**

---

RIBEIRO, Maria Olívia de Albuquerque et al. Desenvolvimento da Amazônia: a necessidade de uma nova abordagem. In: RIBEIRO, Maria Olívia de Albuquerque; FABRÉ, Nídia Noemi (orgs). **Sistemas Abertos Sustentáveis - SAS: uma alternativa de gestão ambiental na Amazônia**. Manaus Universidade do Amazonas - EDUA, 2003.

SILVA, Maria Helena Rodrigues. **Boi-bumbá de Parintins: arte e significação**. 2005. Dissertação (Mestrado). - Instituto de Artes. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2005.

SOUZA, Carla Monteiro de. Prefácio. In: ARANTES, Emerson Clayton et al. **Amazônia: espaço, cultura e visões de mundo**. Boa Vista: Editora da Universidade Federal de Roraima - UFRR, 2009.

TERRA. **Quase um século de festas e tradições**. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/diversao/parintins/historia.htm>>. Acesso em: 9 set. 2009.

VIANNA, Hermano. **A circulação da brincadeira**. Disponível em: <[http://www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/dc\\_7\\_10.htm](http://www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/dc_7_10.htm)>. Acesso em: 30 out. 2014.



### MARIA DO SOCORRO BARBOSA DA SILVA MAMED

Possui Doutorado em Ciências da Educação pela Universidad Evangélica del Paraguay (2015). É Mestre em Ciências da Educação pela Universidad Evangélica del Paraguay (2010). Possui Especialização em Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva pela Universidade Federal de Roraima/UFRR (2019). É Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Cândido Mendes (2005), em Direito da Criança e do Adolescente pela Universidade Estácio de Sá (2002) e em Orientação Educacional pela Universidade Cândido Mendes (2002). Possui Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Roraima (2001). É graduada em Direito - Faculdades Cathedral de Ensino Superior/RR (2008). Atualmente é Orientadora Educacional e Professora da Educação Básica - Secretaria de Educação, Cultura e Desportos/RR. Participou do Programa Eleitor do Futuro como Pedagoga.

E-mail: msocorromamed@hotmail.com